

SÁNCHEZ ROMERO, Marga (2025) – *Lo que el cuerpo nos cuenta: un recorrido físico y político de las mujeres desde la prehistoria hasta hoy*. Barcelona: Ediciones Destino (Imago Mundi), 300 pp., ISBN: 978-84-233-6771-9

http://doi.org/10.14195/1647-8657_64_10

O presente ensaio divulgativo debruça-se sobre o corpo, da pré-história à atualidade, bem como as materialidades e as interpretações políticas a ele associadas. Refrescante na abordagem de divulgação científica e ambiciosa na amplitude temática, Sánchez Romero pretendeu uma reflexão que partisse do passado pré-histórico e interagisse com a contemporaneidade: “No es una comparación sin más, sería imposible, solo intento averiguar qué mecanismos han utilizado el cuerpo de las mujeres a lo largo de la historia para definirlas, con todas sus consecuencias” (p. 261).

Oferece uma introdução à Arqueologia do Corpo, à Bioarqueologia, às Arqueologias de Género e Feministas, numa divulgação crítica daquilo que melhor se tem feito nelas, em Espanha e fora dela. Mantendo sempre um foco ousadamente feminino, alternado entre mulheres do passado e do presente, debruça-se sobre o que revelam dos corpos (e da vida) as práticas funerárias, o tratamento do corpo e as materialidades arqueológicas.

Professora catedrática de Pré-história e Arqueologia e vice-reitora da *Extensión Universtaria, Patrimonio y Relaciones Institucionales* na Universidade de Granada, Margarita Sánchez Romero integra o patronato do Museu Arqueológico Nacional, em Madrid. Tem-se dedicado ao estudo das mulheres e da infância nas sociedades pré-históricas, bem como à sua divulgação para lá da Academia. Juntamente com outras arqueólogas em Espanha, criou em 2007 o grupo *Pastwomen* de investigação feminista e de género.

A obra em análise aborda o modo como a Arqueologia tem contribuído para a perpetuação de estereótipos de género não só através de interpretações do passado enviesadas por preconceitos do presente, mas também das alterações destas perspetivas ao longo do tempo, acomodando distintos contextos sociais, políticos e económicos. Esta obra de maio de 2025 intenta demonstrar como o corpo feminino foi usado para sustentar essas estratégias. Vem, assim, complementar e continuar o ensaio divulgativo de 2022, *Prehistorias de Mujeres*, que conta já com uma 7.^a edição e cujo sucesso terá contribuído para a recente publicação de cariz infantojuvenil sobre mulheres e crianças na pré-história (SÁNCHEZ ROMERO, 2024).

Formalmente, a obra é composta por uma breve introdução, 26 capítulos, um epílogo, agradecimentos e uma bibliografia comentada. Apresenta uma ampla variedade temática, multidisciplinar, ilustrativa da riqueza da investigação sobre o corpo em Arqueologia. Analiticamente, poder-se-iam agrupar alguns capítulos em subtemas: a apresentação de conceitos introdutórios da Arqueologia do Corpo e da Bioarqueologia (cap. 1-2); vestuário, nudez e adornos enquanto elementos identitários (cap. 3-8); o corpo e os sentidos (cap. 9); a maternidade (cap. 10); tecnologia e trabalho (cap. 11-12); alimentação e subsistência (cap. 13); linhagens e ADN (cap. 14); manipulação de corpos distintos para construção de um único corpo/esqueleto (cap. 15); cuidados médicos, doenças e incapacidades (cap. 16-17); representação abstrata do corpo (cap. 18); vestuário enquanto elemento de produção (cap. 19); tatuagens (cap. 20); género (cap. 21); tratamento funerário do corpo (cap. 22); velhice (cap. 23); o corpo reivindicado (cap. 24); por fim, a violência infligida no/pelo corpo (cap. 25-26). Poderia ter beneficiado de uma reorganização dos conteúdos, evitando a repetição da explicação de conceitos (v.g., as análises de amelogenina para definição de ADN antigo, pp. 34 e 136) e oferecendo uma maior fluidez – ausente, por exemplo, quando se retoma o vestuário no cap. 19, após ter ocupado inicialmente seis capítulos.

Diz o ditado que não devemos julgar o livro pela capa, mas o belo desenho de Montse Galbany Armengol não pode ser ignorado: uma visão artística que junta diferentes objetos e representações arqueológicas, etnográficas e contemporâneas num só busto. Espelha o conteúdo da obra, ora pelas temáticas, ora por ser apelativo a diferentes públicos e faixas etárias.

A escrita simples, num tom frequentemente irónico, divertido e (não raras vezes) emotivo, proporciona uma leitura de rápida imersão. Narra-se na primeira pessoa do singular e do plural, usam-se exclamações e interrogações, incentiva-se até a interação nas redes sociais. Apresenta-se uma cronologia ilustrada (p. 13) do Paleolítico inferior à época contemporânea onde utiliza as terminologias “a.C.” e “a.p.”, sem as definir – problemático, assumindo um público não arqueológico. Apesar de apenas ilustrativas, falta legendagem e identificação nas 11 figuras ao longo do texto.

Pauta-se por uma multidisciplinariedade e impressionante variedade de exemplos arqueológicos – pré-históricos, históricos e contemporâneos –, recaindo em contextos espacial e cronologicamente distintos, nos continentes europeu, africano e asiático, mas com maior incidência no território espanhol. Estes exemplos partem do vasto conhecimento da autora, mas também de entrevistas a diferentes especialistas, de arqueólogos e antropólogos a designers gráficos, joalheiros, *influencers*, entre muitos outros. Alguns exemplos são recorrentes no trabalho da autora, como a utilização da série animada *Flintstones* para difundir a ideia de família nuclear e papéis de género norte-americanos de 1960 cristalizando-os como naturais nos modos de vida de uma família pré-histórica (p. 110, SÁNCHEZ ROMERO, 2018: 43).

Esta obra diferencia-se de outras de divulgação arqueológica por ser extraordinariamente pessoal. Isto é simultaneamente o seu ponto forte e o seu

ponto fraco. Assumindo um público-alvo não especialista, constrói uma ponte entre o mundo científico/arqueológico e os corpos das mulheres no presente, incluindo histórias pessoais sobre o corpo da autora e experiências coletivas de mulheres ocidentais modernas e contemporâneas. Próprio da retórica persuasiva, este *pathos* cria facilmente empatia no leitor, que a leva até ao passado pré-histórico. Sem provocar este resultado, dificilmente a Arqueologia de qualquer cronologia consegue cativar o interesse de público não-especializado que não tenha já uma predisposição pela disciplina.

Contudo, este é também um dos maiores problemas desta obra, que partilha com a sua antecessora (SÁNCHEZ ROMERO, 2022), a facilidade com que este discurso pode gerar projeções do presente no passado. Não necessariamente pela propositada e predominante utilização do género feminino ao abordar o público, visibilizando o leitor feminino e utilizando o masculino em exceções muito concretas (v.g., p. 24). Refiro-me às contínuas referências às “mulheres do passado” usando a primeira pessoa do plural feminino (*nosotras*), que integram este bem-sucedido *pathos*, mas que podem resultar, problematicamente, na colagem de narrativas atuais à mensagem sobre manipulação de corpos passados. Transforma-se, assim, essa mensagem, projetando o presente no passado. Precisamente aquilo que a generalidade das Arqueologias de Género e Feministas têm criticado sobre os discursos arqueológicos dominantes e aquilo que a própria autora condena.

A apresentação dos exemplos arqueológicos é ocasionalmente confusa e generalista, podendo por vezes não ficar claro que se utilizam casos cronológica e territorialmente muito distantes sobre um mesmo assunto. Identicamente, parecem confundir-se “as mulheres” e “os homens” pré-históricos com os da atualidade, nomeadamente quando, sobre a modificação da aparência corporal como manifestação identitária nas tribos *gumuz* e *dats'in* de Metema (Etiópia), acrescenta algo que não parece estar sustentado: “Como vemos, las mujeres desempeñan un claro papel aglutinador y reservorio de la identidad más tradicional (o la más exitosa) del grupo, una estrategia que se repite en todas partes del mundo y de todas las formas posibles” (p. 52).

Insiste-se na generalização de que as mulheres são sempre muito mais definidas pelo corpo do que os homens (v.g., p. 48), podendo revelar algum preconceito na escolha dos atributos considerados como marcadores de corporalidade. No fundo, dever-se-ia ter feito a advertência de que os exemplos e respetivas conclusões têm o seu contexto histórico, cultural e espacial específico, evitando generalizações – como ocorre na p. 236 referindo um caso da “cultura de El Argar”.

Nem sempre será evidente que o cerne das críticas apresentadas não são às realidades pré-históricas mas às narrativas arqueológicas, ao modo como se tem feito ciência, ao que se escolhe investigar e divulgar sobre o passado pré-histórico (v.g., p. 158) e, claro está, como estas se relacionam com as desigualdades existentes no ocidente europeu contemporâneo (e com o seu passado moderno).

A pluralidade temática impede aqui uma crítica aprofundada. Destaca-se a bibliografia atualizada que não se pretendeu exaustiva (p. 261), mas que fica aquém, por exemplo, na sólida base teórica resultante de uma maior investi-

gação, passando despercebida a quem desconheça os assuntos. Beneficiária do uso atempado de referências à medida que se referem conceitos, metodologias e teorias. Ambos os casos justificam-se tanto pela natureza de comercialização e divulgação, como pelo seu público-alvo, a quem Bourdieu, Butler e outros poderão não cativar. Cabe ao académico que encontra ali um primeiro contacto aos enquadramentos teóricos procurá-los nas pistas oferecidas.

Nada do exposto retira a importância desta obra, que vem demonstrar o enorme potencial da Arqueologia do Corpo, aliada às Arqueologias de Género e Feministas. Estas últimas têm tido mais investimento em Espanha e no estrangeiro, revelando-se ainda incipientes em Portugal, apesar de discutidas há vários anos (v.g., JORGE e JORGE, 1996; DINIZ, 2006; GOMES, 2015; VALE, 2015, 2025). Abordada há mais de três décadas no plano internacional (v.g., YATES, 1993), a Arqueologia do Corpo ecoa em Portugal e Espanha fundamentalmente em duas teses de mestrado e doutoramento (SANTOS 2020, 2025; MORAGÓN, 2013, respetivamente) – o que não significa que o corpo não seja analisado sem a ela aludir (v.g., VILAÇA, 2009).

Às histórias atuais e ao profundo conhecimento científico, Sánchez Romero junta um tom reivindicativo e político, qual manifesto feminista necessário num momento de sucessivas ameaças a direitos com metástases na generalidade dos países ocidentais. Nunca esconde ao que vai: abre o texto com uma citação a Simone de Beauvoir, numa das mais marcantes obras do feminismo do século XX, “O corpo não é uma coisa, é uma situação: é a nossa compreensão do mundo e o esboço do nosso projeto”. Incorpora em todo o texto vários momentos de manifesto, por exemplo:

(...) hay que descolonizar los museos, igual que hay que hacerlos más feministas. Y cuando digo feministas, quiero decir que hay que hacerlos más inclusivos en sus discursos, hay que mostrar más mujeres, más criaturas, más personas ancianas y más personas con capacidades distintas, porque si en un museo cuentas la historia de quienes somos, tienes que contarla a toda la gente. Y cuando digo que hay que hacer los museos más feministas me refiero a que hay que contar y explicar las formas de vida, de producción y de la relación que han sido poco (o nada) representadas hasta ahora. Y eso no significa (...) que lo que quiero es reescribir la historia, no, lo que quiero es contarla toda (p. 227).

Numa generalizada conjuntura de desinformação e descrença científica, apoiada por extremismos políticos, a divulgação de qualidade é cada vez mais importante. Ao integrar a Arqueologia na atualidade, Sánchez Romero faz um enorme favor à disciplina, expondo a sua interdisciplinaridade e transversalidade, que em muito excedem a Academia. Ao fazê-lo sem pretensiosismos, coloca-se a si própria (Arqueóloga, Professora, Mulher) ao lado do público (seja ele quem for), demonstrando a atualidade e relevância da Arqueologia no quotidiano das pessoas. E a Arqueologia, que é e sempre foi sobre pessoas, precisa delas – as do passado e as do presente – para garantir o seu futuro.

Bibliografia

- DINIZ, Mariana (2006) – Para a história das mulheres na Pré-história: em torno de alguns atributos do discurso, *Promontoria*, 4, pp. 37-51.
- GOMES, Francisco B. (2015) – Género, Identidade e Poder: para uma leitura crítica das relações de género em Arqueologia, *Conimbriga*, LIV, pp. 27-44. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_54_2
- JORGE, Vítor Oliveira e JORGE, Susana Oliveira (1996) – Women in Portuguese Archaeology, in *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 36, pp. 143-167.
- MORAGÓN MARTÍNEZ, Lucía (2013) – *Cuerpo y sociedades orales. Una reflexión sobre la concepción del cuerpo y sus implicaciones en el estudio de la prehistoria*, Tesis doctoral, Universidad Complutense de Madrid.
- SÁNCHEZ ROMERO, Marga (2022) – *Prehistorias de mujeres*, Colección Imago Mundi, 337, Barcelona: Ediciones Destino, ISBN: 978-84-233- 6208-0.
- SÁNCHEZ ROMERO, Marga (2024) – *(Pre)historias. Cuentos de mujeres que forjaron el mundo*, Ilustradora Clàudia Capdevila, Colección Libros ilustrados, Barcelona: Editorial Destino Infantil & Juvenil, ISBN: 978-84-08-29433-7.
- SÁNCHEZ ROMERO, Margarita (2018) – La (Pre)Historia de las mujeres. Una revisión crítica de los discursos del pasado, *Andalucía en la historia*, 61, ISSN 1695-1956, pp. 40-45.
- SANTOS, Ana Amor (2020) – *Em busca de “body worlds”: representação (e evocação) do corpo humano em objetos pré e proto-históricos da Península Ibérica*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/93660>
- SANTOS, Ana Amor (2025) – *Em busca de “body worlds”: representação (e evocação) do corpo humano em objetos pré e proto-históricos da Península Ibérica*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 16), ISBN: 978-989-35672-1-0. Disponível em https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/monografias/monografia_16/Monografia16_AAP-versdigit.pdf
- VALE, Ana M. (2015) – A mulher e a pré-história. Alguns apontamentos para questionar a tradição e a tradução da Mulher-Mãe e Mulher-Deusa na Arqueologia pré-histórica, *Conimbriga*, 54, pp. 5-25. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_54_1
- VALE, Ana M. (2025) – Empowering motherhood. Addressing gender preconceptions in Portuguese Late Prehistory, *SPAL*, 34.1, pp. 51-70. <https://dx.doi.org/10.12795/spal.2025.i34.03>
- VILAÇA, Raquel (2009) – Sobre rituais do corpo em finais do II milénio / inícios do I milénio a.C.: do espaço europeu ao território português, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, Câmara Municipal de Oeiras, pp. 489-511. Disponível em <https://eao.oeiras.pt/index.php/DOC/article/view/173>
- YATES, Tim (1993) – Frameworks for an Archaeology of the Body, in TILLEY, C., ed. – *Interpretative Archaeology*, UK: Berg Publishers, pp. 31-72.

ANA AMOR SANTOS

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

anaamorsantos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7540-1392>

